

va em seus arquivos. Mas essas publicações foram tão extensas que o leitor comum não podia adquiri-las, só o fazendo as grandes bibliotecas.

Chegou, pois, a ocasião de se publicar uma síntese da Grande Guerra em dois volumes, englobando os acontecimentos políticos, diplomáticos, econômicos e sociais, sem falar, é claro, das operações militares.

Não foi possível, portanto, na presente obra, o Autor esmiuçar a luta em todos os setores das diversas frentes de batalha. Por isso, êle tentou, na sua obra captar o espírito e o caráter das diferentes ações bélicas. Procurou, portanto, fazer uma síntese, seguindo nesse ponto um conselho do Marechal Foch:

“Aquêle que quizer compreender a guerra deve se esforçar em compreender os que a fazem. E' nos Quartéis-Generais que se encontra a chave da História militar”.

Por isso, o Autor procurou expor o pensamento dos grandes chefes que dirigiram as operações: Moltke-o-Jovem, Joffre, Falkenhayn, French, Haig, Nivelle, Hindenburg, Ludendorff e, enfim, o próprio Foch.

Os objetivos a serem atingidos pelo Autor seriam muito penosamente alcançados se êle não juntasse ao seu texto informações sôbre: o papel desempenhado pela questão dos efetivos e dos materiais, a oposição freqüente dos interesses particulares ao interesse geral. Entraves como êsses tiveram que ser elevados em conta no estabelecimento e execução dos planos de campanha, assim como nas prerrogativas do comandante-em-chefe: a necessidade numa guerra de coalisão, obrigava a um comando único e incontestado.

E. S. P.

\*

\* \*

*Photo-interpretation et études d'urbanisme*. Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da “École Pratique des Hautes Études. VIe section”. Coleção “Mémoires de photo-interprétation n° 3”. 1966.

Esta publicação é a resposta aos votos metodológicos formulados desde o início da coleção: a foto-interpretação concebida como colaboração inter-disciplinar e internacional.

Após uma introdução de *R. Chevallier*, consagrada à contribuição da fotografia aérea para o inventário do patrimônio monumental, temos um estudo de *D. Buisseret* que põe em evidência os trabalhos de fortificação das cidades do Norte da França pelos engenheiros de Henrique IV. A fotografia aérea presta-se maravilhosamente bem para o estudo dos planos conservados na região da Mancha e apresenta de maneira notável o problema da salvaguarda dos sítios urbanos; um segundo estudo, feito pela Sociedade francesa de Estereografia, apresenta três exemplos acompanhados de dados técnicos originais que definem o que poderia ser um *Corpus* fotogramétrico dos monumentos franceses; o terceiro estudo é de *B. Dubuisson* e *A. Burger* (Ministério da Construção) nos mostra um método para estudar conjuntamente o tráfico e o complexo urbano que êle suscita. Enfim, uma equipe de jovens urbanistas, dirigida por *J. Coignet*, demonstra, a propósito do

vale de Montmorency, como uma análise minuciosa dos dados arqueológicos e históricos pode servir de guia para um plano de construções racional para as futuras extensões de Paris.

E. S. P.

\*  
\* \* \*

BULGARELLI (Waldírio). — *O kibutz e as cooperativas integrais*. 3a. edição revista e ampliada. São Paulo. Livraria Pioneira Editôra. 1966, 109 págs.

Até pouco tempo atrás, tínhamos, a respeito de *kibutz* dois tipos de literatura. De um lado, uma bastante especializada que os interessados podiam obter em publicações vindas de Israel. De outro, obras mais ou menos interessantes, mas nunca redigidas por técnicos, elaboradas no Brasil. Faltava-nos uma perspectiva brasileira a respeito das colônias coletivistas israelis, mas que pudesse ser escrita por alguém que tivesse base teórica e prática para se sair airoso da empreitada.

Devemo-nos dar por felizes pelo fato dessa falta ter sido preenchida pelo dr. Waldírio Bulgarelli. Entusiasta da doutrina cooperativista, além de diretor do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, o Autor esteve em Israel visitando os *kibutzim* antes de redigir o volume em pauta. A despeito de ser a 3a. edição da obra, esta é que tem maior importância, não apenas por ser revista e estar mais completa, como ainda por terem sido as duas primeiras bastante limitadas em termos de divulgação.

No breve capítulo da introdução, Bulgarelli situa as ambições e limitações do seu trabalho, afirmando não pretender resolver problemas, mas apenas e “modestamente”, oferecer algumas contribuições” (p. 15). A seguir, procura dar uma rápida visão histórica, além de verificar as bases do *kibutz*. E’ quando nos esclarece que o primeiro data de 1909, isto é, foi fundado 38 anos antes da independência do país. Infelizmente o Autor não explora suficientemente esse dado. O *kibutz* não foi uma criação artificial imposta pelo Governo de Israel, não foi condicionado pela existência do Estado Nacional Judeu. Foi, antes, um alicerce desse mesmo Estado, não sendo poucos os que advogam ser o Estado consequência do movimento kibutziano. Esta particularidade, a de um país consequência de um movimento revolucionário de camponeses é, sem dúvida, uma peculiaridade que mereceria melhor consideração.

A partir da p. 26 podemos estudar as características de organização e administração dos *kibutzim*. E’ então que o autor fala, entre outras coisas, a respeito do objeto (p. 26), da organização e administração (p. 26), da admissão e expulsão (31), da educação (p. 36) e da planificação e divisão do trabalho (p. 47). Sabemos então que existem 228 *kibutzim*, todos ligados com algum partido político; que a admissão é voluntária, e após a aceitação de um novo membro, este passa a ter os mesmos direitos que os demais, não sendo exigido capital de sua parte para essa paridade social; que o candidato a membro fica durante o período de um ano a título de experiência; que não existe polícia interna, de qualquer espécie; que o dinheiro não corre no *kibutz*, já que o lema da célula é “a cada um segundo suas necessidades, de cada um de acordo com a sua capacidade”.